

Pastore insiste em 'spread' menor do que o mexicano

REGIS NESTROVSKI
Especial para O GLOBO

NOVA YORK — O Presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, disse ontem que o principal obstáculo que está encontrando na recente rodada de negociações com os banqueiros internacionais é o spread (taxa de risco) a ser pago pelo Brasil, que reivindica uma taxa de 7/8 acima da Libor, ou seja, menos do que o México, que obteve 1,1/8.

Além desse, outros dois pontos, segundo Pastore, estão dificultando as conversações: o monitoramento, porque os bancos credores querem verificar os itens da carta de intenções e a questão do reimpréstimo, já que os empréstimos são feitos aos países, e repassados aos tomadores internos. Este ponto, no entanto, segundo Pastore, faz parte da regulamentação sobre risco de capital, sendo uma questão interna brasileira.

Pastore esteve reunido com representantes dos bancos credores durante todo o fim de semana na sede do Citibank, em longas sessões que começavam por volta das 10h e terminavam às 19h. Para um dos banqueiros que acompanhou essas reuniões, a negociação é morosa porque uma consulta global deve ser feita antes de fechado cada ponto do acordo e, como parte dos 600 bancos cre-



**“Quando fechamos, só Deus sabe.
Mas não vou mudar minha posição.
De 7/8 acima da Libor eu não
arredo o pé”**

AFFONSO CELSO PASTORE, Presidente do Banco Central do Brasil

dores brasileiros não são americanos, isso demora.

A volta de Pastore ao Brasil está prevista para quarta-feira, se o acordo for fechado. Caso contrário, ele continua em Nova York, porque não pretende abrir mão de nenhuma de suas posições.

Com a proposta brasileira, de 7/8 acima da Libor, o Brasil pagaria cerca de US\$ 9,5 bilhões de juros, este ano, aos bancos credores.